

PIBID História: um registro da festa do Rosário em Couto de Magalhães-Minas Gerais

PIBID history: a registry of the festival of the rosary in Couto de Magalhães-Minas Gerais

*Franciely Cardoso de Almeida**
*Elizabeth Aparecida Duque Seabra***

RESUMO

O presente trabalho se trata de uma investigação referente à Festa do Rosário em Couto de Magalhães, sendo uma manifestação cultural e religiosa que possui elementos que a caracterizam como bem cultural e patrimônio da comunidade. A ideia central do estudo é contribuir para o registro da festa na cidade, na expectativa que a mesma se torne reconhecida como patrimônio histórico e cultural da cidade de Couto de Magalhães. Buscou-se, de forma geral, na literatura as características comuns, a história e o simbolismo das festas do rosário em várias localidades. Realizamos um registro da festa nos dias 12 e 13 de setembro de 2015, onde tivemos contato de forma direta com os envolvidos na organização e figuras importantes do festejo, realizando com eles entrevistas episódicas. Nesse momento buscou-se conhecer o surgimento, a história e motivo da festa se perdurar até hoje. O texto final deste trabalho foi elaborado a partir da análise destes dados das fontes orais e das fotografias obtidas nos dias da festa. A pesquisa é de suma importância considerando a temática do patrimônio e da memória e visando contribuir para o reconhecimento acadêmico e social de uma manifestação cultural presente no vale do Jequitinhonha e outras regiões.

Palavras-chave: Festa do rosário, Ensino de história, PIBID, Patrimônio.

ABSTRACT

The present work is an investigation about the Festa do Rosário from Couto de Magalhães, a cultural and religious expression which has elements that features it as cultural and community heritage. This study's central idea is to contribute for the party registration in the city, expecting that it may get recognized as community heritage of Couto de Magalhães. It sought in literature common characteristics, the history and the symbols of Festa do Rosário in others locations. We made records of the party on 12th and 13th of September 2015, in which we had direct contact with the organization staff and important figures of the celebration, eventually interviewing them. At this point we sought getting to know about the appearance, history and reason for the party to happen until today. The final text of this work was drawn from the analysis of these data, oral sources and photographs taken in the days of the party. The research is of paramount importance considering the theme of heritage, memory; it seeks to contribute to the academic and social recognition of a cultural manifestation that takes place in the Vale do Jequitinhonha and other regions.

Keywords: Festa do Rosário, Teaching of history, PIBID, Heritage.

*Bacharel em Humanidade e licencianda em Pedagogia. Faculdade Interdisciplinar em Humanidades, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Bolsista PIBID-UFVJM. E-mail: francielycda@hotmail.com

**Curso de Licenciatura em História. Faculdade Interdisciplinar em Humanidades, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. E-mail: elizabeth.seabra@ufvjm.edu.br

Introdução

Este artigo apresenta uma pesquisa referente à Festa do Rosário em Couto de Magalhães em Minas Gerais. O estudo busca identificar e interpretar alguns elementos que constituem a festa. A problematização inicial surgiu do trabalho realizado pelo PIBID de História da UFVJM na escola Jerônimo Pontello, em Couto de Magalhães. Trabalhamos o tema da Festa do Rosário em comemoração à Semana da Consciência Negra na escola. Realizamos juntamente com os estudantes do 9º ano três atividades referentes a essa temática. Uma aula expositiva; a confecção de um mural com fotografias que os estudantes pesquisaram junto aos seus familiares e vizinhos. E uma oficina de estandartes, que são objetos rituais ligados à tradição e dimensão simbólica da festa. No dia comemorativo da consciência negra na escola, foram apresentados os trabalhos realizados pela turma. Um relato do trabalho com estudantes é apresentado na primeira parte deste texto.

Com o desdobramento desse trabalho prático partimos para levantamento bibliográfico sobre a Festa do Rosário, em que realizamos um balanço dos estudos sobre a festa. Buscamos entender os sentidos das irmandades na sociedade mineira, e em especial, das irmandades dos homens negros. Com a leitura de autores como Julita Scarano (1975) e Marina de Melo e Souza (2002) discutimos a presença dos negros nessas irmandades e como se dava essa relação entre o catolicismo e as raízes religiosas africanas.

Apresentamos então, uma exposição dos elementos principais da Festa do Rosário em Couto de Magalhães. A metodologia utilizada para essa exposição foi a pesquisa narrativa¹, o uso de fontes orais com o depoimento de participantes diretamente ligadas à festa, fotografias² documentais obtidas por meio de pesquisa junto aos estudantes, fotografias de registro feitas pela autora da pesquisa durante as atividades desenvolvidas na escola e durante a Festa do Rosário. Com isso, narramos neste artigo o que observamos, participamos e registramos como experiência de alguns dos ritos da festa.

O trabalho do PIBID em Couto de Magalhães: o início de tudo

O Projeto de Iniciação à Docência – PIBID é um programa do governo federal que oferece bolsas de iniciação à docência aos estudantes dos cursos de licenciatura para que se dediquem ao trabalho nas escolas de educação básica sob a supervisão de

¹Segundo o que diz os autores Clandinin e Connelly (2011) a pesquisa narrativa consiste na atitude viver de fato as histórias e então contá-las, de forma que nós e os outros tomemos conhecimento daquilo que vivenciamos. Nesta metodologia os textos de pesquisa vão se ajustando de acordo com os interesses e interpretações do pesquisador.

²Ana Maria Maud (2015, p.83-85) chama a atenção para o trabalho com as imagens em diversos campos de conhecimento, e reconhece que a fotografia requer um aprendizado cultural e segue regras de codificação segundo práticas sociais de produção de sentido.

um professor da escola e de um coordenador da universidade. Com essa iniciativa, o PIBID faz uma articulação entre a educação superior (por meio das licenciaturas) e a escola. O trabalho do PIBID de História da UFVJM é feito em grupos de cinco estudantes, cursando diferentes períodos dos Cursos de Bacharelado em Humanidades e Licenciatura em História, o que permitia a troca de experiências e acompanhado por uma professora supervisora da área de História da escola.³ Faço parte de um dos grupos que desenvolveu nos anos de 2014 e 2015 o trabalho na cidade de Couto de Magalhães de Minas. A prática que o PIBID nos permite vivenciar foi muito importante para minha formação inicial. Por meio desses trabalhos, temos a oportunidade de experienciar de maneira muito direta a realidade da escola. A metodologia utilizada pelo PIBID de história, por meio de projetos a serem desenvolvidos na escola, me proporcionou a ter conhecimento de elaboração, execução e avaliação de um projeto. Com isso, o PIBID me favoreceu a ter um olhar mais investigativo sobre as questões escolares. Enquanto discente de licenciatura, o PIBID me proporcionou estar dentro das salas de aula, antes mesmo dos estágios. Avalio o programa como grande relevância para os discentes de licenciatura como forma de “treino” para futura vida profissional. Escrevo a partir desse lugar de bolsista do PIBID. As atividades do PIBID de História na escola Jerônimo Pontello, tiveram início no ano de 2014.

O tema da Festa do Rosário aparece no contexto do trabalho do PIBID, por meio de um levantamento inicial com os alunos, onde procurou saber deles, o que consideravam patrimônio em sua cidade. Uma das respostas que surgiu neste levantamento foi justamente a Festa do Rosário realizada na cidade. Posterior a isso, uma das demandas apresentadas pela supervisora do PIBID foi sobre a necessidade de realizar um evento sobre a Consciência Negra na escola, no dia 22 de novembro.⁴ Assim, nosso grupo ficou responsável por trabalhar questões referentes à Consciência Negra em três turmas da escola. O grupo de bolsistas do PIBID discutiu e planejou o desenvolvimento de ações tomando como referência a temática da cultura afro-brasileira e africana. O objetivo central dessas ações era estabelecer relações entre a cultura negra expressa através das manifestações na própria comunidade e o sentimento de pertencimento dos estudantes a estas tradições culturais. O terceiro ano do Ensino Médio trabalhou com a questão quilombola, o sexto ano do Ensino Fundamental com a cultura hip-hop e o nono ano do Ensino Fundamental com a Festa do Rosário.

A Festa do Rosário e a consciência negra: a cultura afrodescendente na escola.

Passo agora ao relato da experiência com a abordagem da Festa do Rosário com os estudantes do 9º ano, trabalho esse que foi realizado por mim e pela também

³ Lucia Helena de Lima, professora de formada em História supervisora na Escola Estadual Jerônimo Pontello.

⁴ Vale lembrar que esta é uma data instituída no calendário escolar e que substituiu o dia da Abolição da Escravidão comemorado no dia 13 de maio.

bolsista do PIBID Talita Luz⁵. Nós planejamos e tivemos três encontros com os estudantes para trabalhar o tema.

No primeiro dia, fomos até a sala de aula e conversamos com os estudantes sobre o que eles sabiam sobre a Festa do Rosário na cidade. Descobrimos que entre eles haviam integrantes da Marujada, outros que já haviam saído em Cortejo, e que todos de uma forma direta ou indireta participavam, ou então detinham algum conhecimento da tradição da Festa. Foi uma troca de conhecimentos muito importante tanto para nós como para eles. Como atividade, pedimos que eles realizassem uma pesquisa oral ou pela internet sobre a Festa do Rosário em geral. Solicitamos também aos estudantes que trouxessem de suas casas fotografias de seus familiares e ou conhecidos para que pudéssemos realizar a segunda atividade que havíamos planejado.

Em um segundo encontro com os estudantes do 9º ano, propomos a confecção de um mural com as fotos que eles trouxeram de casa. Fizemos o mural com a colagem das fotos e os estudantes escreveram as legendas explicando o que cada uma delas representava. Recolhemos nesse dia também a pesquisa escrita realizada por eles.

No nosso terceiro encontro, realizamos uma oficina de estandartes, que é um símbolo dessa festa. Dividimos a sala de aula e em grupos confeccionaram quatro estandartes com quatro figuras das irmandades que havíamos apresentado no nosso primeiro encontro, Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora da Aparecida, São Benedito e Santa Efigênia. O envolvimento dos estudantes nessa atividade foi maravilhoso e o resultado foi belíssimo. Esse material encontra-se hoje disponível para exposições e apresentações do PIBID.

Para finalizar nossas atividades em torno desse tema, a escola realizou no dia 21 de novembro, o evento de comemoração da Consciência Negra com diversas apresentações dos estudantes de todas as turmas da escola. Neste dia fizemos a exposição do mural de fotos juntamente com os estandartes confeccionado pelos estudantes. Os próprios estudantes explicaram para as outras turmas como tinha sido nosso trabalho com eles por meio de uma apresentação oral com o suporte do datashow.

Este trabalho desenvolvido no PIBID nos motivou a aprofundar nossos estudos sobre a temática da Festa do Rosário por entender a relevância histórica da manifestação cultural e fazer uma revisão bibliográfica acerca do tema, no intuito de enriquecer nossa formação pessoal e profissional.

Com isso, buscamos entender alguns aspectos das manifestações da Festa do Rosário nas Minas do século XVIII e suas permanências e mudanças nos dias atuais, para que pudéssemos entender os motivos dela possuir até hoje um valor tão significativo para comunidades como a de Couto de Magalhães.

⁵ Talita Luz foi bolsista do PIBID em 2014 e colaborou na primeira etapa deste trabalho.

Festa do Rosário: um estudo sobre suas origens e as atuais manifestações

Em estudo clássico intitulado *Os leigos e o poder*, o professor Caio César Boschi defende a tese de que a relação entre igreja e estado no período colonial é marcada pela presença das irmandades constituídas por leigos. Boschi (1986, p.2) afirma que a existência destas agremiações na sociedade mineira do século XVIII é o ponto de partida para o entendimento da permanência dos rituais dedicados a Nossa Senhora do Rosário e de grupos identitários que promovem festejos e a outros santos de devoção.

A Festa do Rosário surgiu no final dos setecentos e se caracterizava como um rito que fazia parte de umas das mais reconhecidas irmandades negras daquela época. Segundo Caio César Boschi (1986, p.14) “as irmandades funcionavam como agentes de solidariedade grupal, congregando, simultaneamente, anseios comuns frente à religião e perplexidades frente à realidade social.” Além do caráter religioso, como a construção de igrejas e o culto aos santos de devoção, as irmandades também desempenhavam um papel de ajuda mútua e beneficente aos seus membros associados. (SCARANO, 1978, p.25).

Há um debate historiográfico que aponta dois sentidos opostos para o papel das irmandades negras. De um lado, alguns autores consideram que a principal função das Irmandades dos Homens Pretos era disseminar a religião católica no intuito de converter os escravizados. De outro lado, há autores que enfatizam que era um espaço de culto e devoção onde os escravos podiam se reunir e se divertirem sem oporem-se ao regime escravista em que estavam submetidos. (SOUZA, 2002, p.150).

Para Marina de Melo e Souza (2002,150) é importante uma crítica ao conceito de sincretismo uma vez que considera a constituição de novas formações culturais como resultantes de aceitação, adaptação e produto de uma relação harmônica. Para a autora, o sincretismo é uma relação de dominação presente no contato entre diferentes culturas. Os escravizados não colocaram fim às suas crenças africanas, incorporaram elementos do catolicismo europeu e os mesclaram com rituais típicos de suas raízes culturais.

No estudo sobre a Festa do Rosário de Couto de Magalhães, podemos perceber elementos que nos remetem às festas de origem africana dos séculos XVIII e XIX como danças, cantos e roupas luxuosas.

Para Marina de Melo e Souza (2002,63) cria-se o chamado “catolicismo africano”, uma espécie de diálogo de surdos, ou reinterpretação de mitologias e símbolos partir de códigos culturais próprios. Cada um defende a sua visão de mundo. Missionários europeus defendiam o cristianismo e as populações africanas defendiam suas formas de manifestação de suas crenças.

Por mais que as irmandades fossem associações católicas, “a bagagem cultural que os negros traziam também modelou as feições das novas comunidades”

(SOUZA,2006). Sobre as festas realizadas dentro dessas associações e a forma com que os escravizados se portavam nelas, a autora traz uma demonstração de como o catolicismo africano era presente nessas manifestações:

As eleições de reis negros e as festas que celebravam estas eleições, criadas a partir do encontro entre culturas africanas e a cultura ibérica e aceitas pelos senhores e agentes administrativos, foram um dos meios encontrados por grupos de escravos, forros e negros livres para se organizarem em comunidades, de algumas formas integradas à sociedade escravista. Nelas estavam presentes tradições comuns a todo o mundo banto, eventos da história de alguns povos específicos que foram incorporados como símbolos de africanidade, e elementos da sociedade portuguesa, reinterpretados à moda dos africanos e seus descendentes. (SOUZA, 2002, p.155)

Todas as irmandades e confrarias se inspiravam nas festas da tradição católica europeia e comemoravam festas anuais de preito ao seu santo devoto.As irmandades davam aos negros a oportunidade de expressar suas agruras e tornar suas vidas mais suportáveis. (BOSCHI, 1986,152).Havia entre as irmandades umaestratificação da participação das pessoas como afirma Célia Maia Borges

Enquanto os altos dignitários, ricos donos de lavras e grandes comerciantes se reuniam habitualmente nas Ordens Terceiras do Carmo, na de São Francisco e na Irmandade do Santíssimo, os homens pardos e os negros livres reuniam-se na Irmandade das Mercês e na de São Gonçalo; os negros escravos e forros nas do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia. A composição social das irmandades refletia assim a organização da própria sociedade colonial. (BORGES, 1998, p. 1227)

Essa composição das irmandades fez com que os escravizados também reivindicassem uma irmandade que respondesse às demandas e lhes proporcionasse uma maior representatividade. A correlação entre cada irmandade e a identificação com o pertencimento racial e social (livre, liberto e escravo), mostra que a cor da pele, marcava a separação das irmandades. Esta atitude levou os primeiros devotos de Nossa Senhora do Rosário a abandonarem a irmandade dedicada a ela, quando se implantaram as primeiras associações negras a esta irmandade. Uma vez que essa devoção nasceu em Portugal dentro de irmandades brancas, como afirma Julita Scarano(1975).

A devoção a Nossa Senhora do Rosário chega ao Brasil num ambiente marcado pelo catolicismo barroco, caracterizado pelo exagero e pela exuberância. (PACHECO,2008). As irmandades seriam responsáveis por um caráter mais superficial dos ritos religiosos da época colonial, tornando-se um sinônimo de diversão e distração por meio das procissões e festas que aconteciam, todas elas cheias de exuberância e colorido. Isso era compreendido pela necessidade que se tinha de agradar a Deus e ao santo de devoção, bem como o reconhecimento daqueles que promoviam a festa. As Festas do Rosário “eram repletas de coreografias, de indumentárias coloridas que personificavam os grupos em situação de combate”. Os negros em seus autos dramáticos saíam como vencedores, graças ao poder milagroso da santa de devoção (BORGES, 1998).

As festas eram importantes acontecimentos e implicavam grande mobilização dos negros, sendo que a festa da padroeira era um dos pontos de grande comemoração da irmandade. Ela era toda espelhada nas realezas do “Reis do Congo”, onde simbolicamente harmonizava as diferenças. (BORGES, 1998). Interessante se atentar pela forma que a “realeza” era incorporada mesmo pelos negros no momento da festa, como afirma Célia Maia Borges

(...) imagem é uma corte barroca; não falta nenhum ingrediente sugestivo. As personagens têm pose e gestos de uma realeza europeia. Apesar disso, não se pode ignorar que, apesar da aparência de uma corte europeia, essa realeza se perfilava como uma instituição criada à escala de diversos povos africanos (BORGES, 1998 p.1230).

Na festa em Couto de Magalhães, podemos observar no cortejo a presença desses elementos de “realeza” citados por Célia Maia Borges. As vestimentas usadas pelos integrantes do cortejo são muito luxuosas e remetem de fato a riqueza. É interessante destacar que esse padrão de “ostentação” foi rejeitado pela rainha desse ano, que nos afirmou ter mandado confeccionar um vestido simples, e não alugar trajes caros de festa, tomando como referência a simplicidade de Nossa Senhora, e negando a suntuosidade da festa profana.

Célia Maia Borges ainda diz que era por meio de toda essa produção cênica que os escravizados tinham a oportunidade de transcender da realidade vivida por eles e viver uma história mítica, onde eles seriam os vencedores, eleitos de Nossa Senhora. “Era um acontecimento em que o irmão sentia inverter-se simbolicamente a sua condição de escravo, forro e oprimido e entrar num novo tempo” (BORGES, 1998).

Borges (1998) afirma que “ter feito parte de uma irmandade terá sido o sonho de muitos negros”. Para a autora a festa promovida pela irmandade era um momento propício para socialização dos negros, com a presença de muita música, dança e farta comida. Era uma oportunidade que a comunidade negra tinha de resgatar suas expressões corporais por meio de gestos e vozes, que muitas vezes eram subjugadas pela precária liberdade que possuíam.

A Festa do Rosário no período colonial, além de ser parte fundamental da irmandade e da construção histórica da época, também ajudou “a personificação de uma identidade de grupo” (BORGES, 1998). Ela serviu de refúgio dos negros de todos aqueles sofrimentos que eles eram submetidos. No momento da festa, além de estarem em fraternidade com seus demais irmãos, eles podiam também fugir daquela realidade dura em que viviam e por aquele momento se tornar vencedores e detentores de suas liberdades. Encontravam em Nossa Senhora do Rosário, o abrigo de uma mãe protetora que os amparavam nos momentos de dor.

A Festa do Rosário possui uma atualidade e se apresenta em diversas localidades e possui particularidades em cada lugar. Cada festa tem características comuns ligadas à tradição e se reinventa de acordo com o local em que ela acontece. Há diversos estudos sobre os festejos do Rosário, nos quais podemos reconhecer essa diversidade. A festa do Serro em Minas Gerais, de acordo com estudos recentes pode ser caracterizada por um sincretismo religioso genuíno no qual os elementos da

religião católica e do congo se juntam de forma simétrica e muito harmônica. (SILVA at.al. 2003).

A Festa em Couto de Magalhães

A origem do atual município de Couto de Magalhães de Minas está ligada ao nome do bandeirante Sebastião Leme do Prado que iniciou o povoamento em razão da descoberta e exploração de ouro e de Diamantes, próximos a Rio Manso. O povoado passa a ser conhecido pelo nome de Rio Manso, e foi se desenvolvendo ao longo do século XIX, como ponto onde paravam os tropeiros para descansar e seguir viagem até o Arraial do Tijuco, centro comercial da época.

Segundo relatos de moradores em Couto de Magalhães, a devoção a Nossa Senhora também teve início com a participação dos escravos trazidos para mineração e a festa já acontece há mais de 200 anos. Justifica-se então realizar um estudo sobre essa manifestação cultural e religiosa com peculiaridades de Couto de Magalhães, no incentivo de que, a festa se torne conhecida como patrimônio da cidade, bem como a valorização da identidade da população.

A Festa do Rosário: uma história narrada

A programação da festa envolve uma complexa organização de toda comunidade. Em 2015, ano da pesquisa, a festa aconteceu entre os dias 3 a 11 de setembro. O cronograma é definido pela comunidade em função de questões locais.

O tema central de 2015 foi *Senhora do Rosário, rainha e mãe de misericórdia*. Cada dia da programação é de responsabilidade de grupos comunitários ligados à igreja católica, tais como, grupos de oração, pastorais, agentes comunitários e comunidades rurais. Além disso, as três escolas da cidade também estão incluídas na programação oficial como responsáveis por dias específicos. A programação da festa também inclui no a participação de funcionários públicos, polícia civil e militar e de comerciantes.

O sagrado e o profano comparecem à programação que incluem missas e novenas todos os dias, procissão com a bandeira com a imagem de Nossa Senhora do Rosário, levantamento do mastro, batizados, eventos com bandas regionais e artistas locais e culmina com a posse de novos festeiros.

Nossa experiência com os ritos da Festa do Rosário começa no sábado a tarde, por volta de 14h30min quando chegamos à cidade de Couto. Ao chegarmos à praça central da cidade, e onde fica localizada a Igreja Bom Jesus do Matozinhos, que é a igreja onde acontecem as celebrações da festa, já percebemos uma pequena movimentação dos moradores da cidade. Havia algumas barracas de vendas ambulantes e comidas. A Igreja estava enfeitada com faixas de cores amarelas. Tivemos a informação que o almoço estava sendo servido em uma quadra poliesportiva, próximo da igreja. O almoço já havia sido servido e no local se encontravam poucos participantes da festa. Quem compunha mesmo o local era o grupo de Marujada. Eles se encontravam em volta da mesa, cantando e tocando os

instrumentos, em uma atitude de agradecimento pelo almoço que neste dia tinha sido oferecido pela rainha da festa.

O Rei e a Rainha da festa são os responsáveis pela organização geral de todo festejo. Na oportunidade conversamos com a Rainha da festa que demonstrou muita satisfação por participar como rainha, mas disse ser muito desgastante, pois ela tem que participar de muitos ritos e ainda oferecer comidas tradicionais aos participantes. Elabusa por doações da população, de local para oferecer o almoço, panelas, ornamentação da igreja, liturgia e afins. Conta com ajuda de parentes e amigos para organização de tudo. Ela nós explica que participar da festa é um desejo que ela traz desde pequena, e que seu pai foi um dos primeiros a realizar a festa na cidade. Por esse motivo, ela procura ao máximo manter a tradição, pois guarda na memória com a festa era feita antigamente. Para ela, são nítidas as mudanças desde a forma de se servir a comida à forma como as pessoas dão importância à festa. Ela entende a festa com um valor muito forte da fé que o povo de Couto tem por Nossa Senhora. Sua participação como rainha, deve-se a uma graça recebida, um milagre atribuído a Nossa Senhora do Rosário.

Importante ressaltar que a mesma não reside mais em Couto de Magalhães, assim como o Rei da festa também não, e tantos outros que estavam presentes. Isso nós de mostra o quanto é valorizada a festa, e que ela se torna um momento de retorno às origens, reencontros e sentimento de pertencimento.

Depois que a Marujada canta em agradecimento pelo almoço oferecido, é o momento de iniciar o cortejo novamente, agora na intenção de deixar em casa, cada uma das figuras dos quadros do cortejo. Os quadros do cortejo eram compostos por Rei e Rainha, Prior e Priora, Juiz e Juíza, Juiz e Juíza de N.S do Livramento, Conde e Condessa e Príncipe e Princesa. No domingo há também os quadros que compõem o Rei e Rainha de promessa. Nesse caso, eles não possuem nenhuma obrigação com festa em relação ao financeiro, apenas se colocam para sair em cortejo, devido a alguma graça recebida. Quanto à formação do quadro, há quatro pessoas nos cantos segurando varas que formam os quadros. Dentro deles vão representantes da realeza, todos muito bem vestidos com roupas nobres e elegantes. São acompanhados por pessoas que seguram guarda sol, para demonstrar realmente que são da realeza.

No domingo, também tivemos a oportunidade de participar dos festejos. Logo pela manhã, por volta da 07 horas, a Marujada se encontrava reunida em frente à casa de um dos moradores da cidade. Foi servido a eles um café, com pão e biscoito de polvilho. Ali eles ficaram reunidos, para que pudessem descansar para continuarem o percurso. Tive o conhecimento através de um dos participantes da Marujada, que eles começam a percorrer toda cidade desde muito cedo, pois eles devem buscar todos os membros da Marujada de casa em casa.

A Marujada tem papel central em toda a Festa do Rosário de Couto de Magalhães. Percebe-se que todos os rituais, toda movimentação dos festejos, é de responsabilidade deles. São eles que buscam e levam de casa em casa as figuras da festa e iniciam o cortejo a Nossa Senhora do Rosário. São eles que chamam atenção da população devido à música e as suas indumentárias diferenciadas.

O grupo é composto por cerca de 40 pessoas, onde há figuras que possuem um destaque maior como o patrão, o capitão e o contramestre. Aqueles que ficam na fila atrás desses destaques, são chamados de granjeiros de fila. Há também a presença de muitas crianças no grupo, os calafatinhos, como assim são chamados. Em muitos casos, são filhos ou parentes de pessoas que formam o grupo.

As vestimentas do grupo são de grande destaque também. São em geral todas de cores brancas, mas com detalhes de cores variadas, o que torna assim o grupo bem colorido. Há muitas fitas e espelhos fixados nas roupas, o que segundo o capitão Adão Matias Souza, significa o brilhantismo do grupo. Além das fitas, há presença de flores, penas e pedras decorativas.

Eles trazem consigo, em sua grande maioria, pandeiro nas mãos que é tocado repetidamente durante todo o cortejo. Há outros instrumentos como o violão e a “caixa” que é o instrumento que mais se destaca entre eles devido ao som muito alto que emite. O grupo é todo formado por homens de idades variadas. Na frente da procissão vai o patrão, que é o mais velho de todo grupo, junto com os calafatinhos. Em seguida, vêm outras figuras do grupo, seguido da fila dos granjeiros.

No intuito de buscar por todos que fazem parte do cortejo, eles andam por boa parte da cidade, de casa em casa, para buscar essas pessoas. Dessa forma, é visível que ao passar por áreas mais afastadas do centro cria-se uma visibilidade do festejo na cidade, através de toda manifestação e som que a procissão realiza. À medida que a procissão vai seguindo, podemos notar a presença de pessoas que acompanham o percurso ao lado do cortejo. São muitas vezes parentes de pessoas que estão representando os quadros, devido em muitos casos serem crianças que os compõem. Com isso, a procissão vai ganhando uma proporção maior. Em muitas casas pelo qual o grupo passa lhes são oferecidos refrigerantes, café, o que demonstra a participação de toda população na festa, numa atitude de generosidade, considerando o tempo que os Marujos dedicam a esse momento de procissão.

Depois de buscar todas as figuras dos quadros, é chegada a hora de conduzir o cortejo para a igreja para realização da missa. A Igreja do Bom Jesus de Matozinhos se encontra cheia de fiéis. A marujada chega à igreja entoando cânticos de louvor a Nossa Senhora.

Após a missa, todos os envolvidos com a festa, mais uma vez se deslocam para a quadra poliesportiva, onde será servido o almoço, dessa vez oferecida pelo rei. No interior da quadra, há uma grande mesa onde são dispostos grandes vasilhames de comida, que vão sendo servidos por várias pessoas, que foram convidadas pelo rei para prestar essa ajuda. As pessoas aguardam sua vez de serem servidos em uma fila. Grande parte das pessoas se acomoda ali mesmo, nas arquibancadas da quadra, mas já outros, recebem sua refeição e voltam para suas casas. Há também uma mesa no centro da quadra, onde ficam acomodados os membros da Marujada, e as figuras do cortejo. Pouco a pouco a quadra vai diminuindo o número de pessoas. É chegado o momento de agradecer pelo almoço. Momento de muita festa e alegria. Na companhia do rei, a Marujada em volta da mesa, cantam músicas de agradecimento. Os integrantes e os que ainda permanecem na quadra dançam em volta da mesa.

Bem ao entardecer, quase já às 18 horas acontece mais uma procissão pela cidade com a imagem da Senhora do Rosário. Além da presença da Marujada e de toda a representação da corte, há presença da banda de música da cidade.⁶ Nesta procissão que conta com a presença do padre, há uma maior presença da população. Saíram da porta igreja, e deram um volta no quarteirão e retornaram. Neste dia é que o festeiro do próximo ano toma posse e recebe dos festeiros atuais a coroa e o mastro. Interessante lembrar, que em conversas com pessoas que ajudam na organização da festa, tivemos a informação que, já há indicação dos festeiros para próximas festas. Isso nos mostra que há uma preocupação dos moradores com a continuidade da festa.

Há muitos outros rituais presentes na Festa do Rosário e que em muitos momentos foi citado pelas pessoas que entramos em contato, mas que, porém não tivemos a oportunidade de acompanharmos. Foi muito dito sobre as alvoradas, que são ensaios da Marujada na casa dos festeiros, feita de madrugada, onde é oferecida a população biscoito de polvilho, vinho, broa, café, farofa e entre outras comidas típicas. O levantamento do mastro na porta igreja. A “paiada”, que acontece na segunda e na terça após o domingo da festa, onde é servido doce para população. Todos esses ritos são de valorosa importância para festa, e tanto que, em todos os momentos mencionados por aqueles com quem conversamos. Podemos notar que é de suma importância para todos os que participam direta e indiretamente da festa que os rituais e condução do festejo, sejam sempre conforme a tradição. Isso deixa claro, que a memória da festa é viva e as pessoas desejam que ela permaneça dessa forma.

Considerações finais

Ao final desse trabalho podemos concluir que algumas referências culturais observadas na Festa do Rosário em Couto de Magalhães e descritas neste trabalho, podem se aproximar de categorias indicadas pela IPHAN que a caracterizariam como um bem patrimonial. Observamos o lugar onde acontece a festa, os objetos, as celebrações, as formas de expressão e os saberes.

A festa acontece numa pequena localidade, no interior de Minas Gerais, com casas simples, com uma praça central e a igreja do Bom Jesus de Matozinhos onde acontecem parte das celebrações anuais da festa, como as manifestações da Marujada, o cortejo com o andor e os estandartes, e celebrações de missa e novenas no interior do templo católico. A quadra poliesportiva próxima à praça é utilizada para servir os almoços oferecidos pelo rei e pela rainha. As ruas e bairros mais afastados do centro também são palco do cortejo. São muitos os envolvidos na festa, de forma direta ou indireta, inclusive os estudantes que detêm um saber fazer sobre os estandartes e participam ativamente da Marujada e do cortejo.

Ainda que a programação oficial destaque que o evento acontece nove dias em setembro, conforme apresentado no trabalho, a celebração e os ritos acontecem ao

⁶Banda de música Corporação Bom Jesus de Matozinhos da cidade de Couto de Magalhães.

longo do ano durante toda a preparação. Os festeiros responsáveis devem se organizar para conseguir espaço, alimentos, ornamentações. Durante o ano, a Marujada realiza ensaios que tem o nome de Alvoradas, que é um momento de celebração e preparação para os dias de celebração. No dia do festejo, a movimentação na cidade é muito grande, envolve diversos ritos e encenações.

As expressões corporais da festa são muito marcadas pelo grupo da Marujada, com coreografias marcadas e ritmadas, com presença exclusiva de adultos e crianças do sexo masculino.

O Rei e a Rainha são os principais encarregados pela preparação da festa. Buscam por recursos financeiros necessários, e contam com as doações cedidas pelos próprios moradores. Encarregam-se da decoração da igreja, do andor cuja imagem da santa fica exposta juntamente com diversos outros elementos da celebração.

A Marujada se apresenta como o ponto de maior concentração de saberes que referenciam os elementos culturais da festa. Eles detêm um saber sobre as práticas rituais e formas de transmissão destes saberes. Eles também conhecem as técnicas e as instrumentações necessárias para a realização dos ritos da festa. Na observação realizada a Marujada aparece como os protagonistas da ação. Percebemos a preocupação que os mais velhos têm em mediar os conhecimentos para os mais novos, e perpetuar a tradição.

A Marujada reúne uma narrativa sobre a história da festa como a origem, transformações e acumulam um saber associado à festa que é utilizado em outras situações. As pessoas envolvidas com este saber utilizam recursos e estruturas próprias para construí-lo e ser aprendido na prática.

Como fruto da pesquisa consideramos que a festa é voltada à comunidade local e aqueles que possuem um vínculo de pertencimento a cidade, como aqueles que não moram mais na cidade e que retornam para participarem apenas da festa. Não há um reconhecimento público da festa para além do âmbito local. É um acontecimento anual que marca a vida dos participantes, mas que não apresenta um espetáculo midiático.

Na avaliação dos envolvidos a festa não tem perdido o sentido, uma vez que já existe uma longa lista de espera para a posse de festeiros, o que garante a continuidade dos festejos.

Nosso trabalho não possui as características metodológicas de um inventário que tenha por finalidade tornar a festa um patrimônio cultural reconhecido oficialmente. Buscamos sim contribuir para pensar do ponto de vista acadêmico as características tradicionais da festa, que a tornam um patrimônio, considerando a importância que a comunidade atribui a tal evento.

O trabalho também contribui numa perspectiva curricular perceber a ausência dessa abordagem do patrimônio cultural nas escolas e uma necessidade da presença de estudos relacionados à tradição e história local. Uma vez que, percebemos o interesse dos estudantes em temáticas relacionadas ao âmbito em que vivem, como nos trabalhos realizados pelo PIBID. A presença de conteúdos relativos às questões do

patrimônio e memória local reforçaria nos alunos o sentimento de identidade e pertencimento.

Percebemos, por meio da pesquisa, a importância que a Festa do Rosário possui para os moradores de Couto de Magalhães. Essa relevância se mostra a partir do envolvimento de grande parte dos moradores nos preparativos da festa, demonstrando o valor atribuído àqueles ritos e à memória do festejo. A participação da comunidade é efetiva. Vemos a presença deles em diversas atividades, como a ornamentação da igreja, a preparação do almoço, a presença nos cortejos. Participar da Festa do Rosário para eles é uma atitude de prosseguir com a tradição que lhes foi passada em busca de afirmação de uma memória coletiva.

Referências bibliográficas

BORGES, Célia Maia. **A Festa do Rosário: a alegoria barroca e a reconstrução das diferenças**. Barroco Ibero Americano. Território, Arte, Espacio y Sociedad, Sevilla, v.II, p.1441-1449, 2002.

BOSCHI, Caio Cesar. **Os leigos e o poder**. São Paulo: Ática, 1986.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michel. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. Uberlândia: EDUFU, 2011.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Brasil). Educação Patrimonial: Inventários Participativos: manual de aplicação. Texto Sonia Regina Rampim Florêncio et. al. Brasília-DF: 2016.

KATRIB, Cairo Mohamad Ibraim. **Foi assim que me contaram: recriação do sentido sagrado e profanos do Congado na Festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário**. (Catalão-GO – 1940/2003) Tese de Doutorado UNB, 2009.

LUCENA, Célia Toledo. **A festa (re) visitada: (re)significações e sociabilidades**. Anais do Centro de Estudos Rurais e Urbanos- CERU-USP, 2008.

PACHECO, Paulo Henrique Silva. **A origem branca da devoção negra do Rosário**. *Revista Tempo de Conquista*. Disponível em: www.revistatempodeconquista.com.br. Último acesso em: 27 jul. 2016.

SACARANO, Julita. **Devoção e escravidão**. Rio de Janeiro: Editora Nacional, 1975.

SAINT-HILAIRE, A. **Viagem pelo distrito dos diamantes e litoral do Brasil**. São Paulo: Editora Itatiaia, 1974.

SILVA, Ariel Lucas, et. al. **Rosário em festa: representação, identidade e fé. Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial**. *Pensar*

Comunicação. Disponível em: <http://www.revistapensar.com.br/comunicacao>.
Último acesso em 27 jul.2016.

SILVA, Tomas Tadeu. **Alienígenas na sala de aula: Uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

SOUZA, Marina de Mello e. **Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação de Rei Congo**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Anexos



Figura 1: ALMEIDA, Franciely. Confeção dos estandartes com os estudantes do 9º ano. Couto de Magalhães. 2014.



Figura 2: ALMEIDA, Franciely. Apresentação dos estudantes no Dia da Consciência Negra. Couto de Magalhães. 2014.



Figura 3: ALMEIDA, Franciely. Agradecimento pelo almoço oferecido pela rainha. Couto de Magalhães. 2015



Figura 4: ALMEIDA, Franciely. Marujada se preparando para saída do cortejo. Couto de Magalhães.2015.

**Recebido em 31/05/2017.
Aprovado em 14/08/2017.**